



POR UMA IDENTIDADE ECOLINGUÍSTICA

Francisco Gomes de Matos (UFPE)

Desde as ideias pioneiras de Haugen sobre a ecologia da linguagem em 1971, vem se desenvolvendo lenta, mas constantemente, uma nova dimensão para o macroconceito de identidade: IDENTIDADE ECOLINGUÍSTICA. O objetivo deste artigo é propor o reconhecimento desse componente da identidade individual e instigar os colegas a continuar explorando a natureza ecolinguística da vida comunicativa humana.

O conceito de identidade tem sido tratado por estudiosos interdisciplinares com ampla visão de vários domínios, entre eles a psicologia e a linguística. Exemplos contemporâneos inspiradores são Edwards (1985) e Crystal (1997). O primeiro tem se dedicado a aspectos da questão sobre como a identidade individual pode se mostrar no uso da língua, enquanto que o segundo tem apresentado comentários detalhados sobre o conceito multidimensional de identidade, enfatizando as dimensões física, psicológica, geográfica, étnica, nacional, social, contextual e estilística. Que a língua e os seres humanos interagem em ecossistemas é um princípio subjacente a projetos atuais sobre educação ambiental. Com efeito, a própria cronologia dos conceitos-chave dessa estratégia de educação global mostra quão intensamente nosso vocabulário cotidiano é banhado pelas águas da ecologia.

Eis uma lista ilustrativa de termos colhidos de *Random House* (1997), com a respectiva datação: 1825-30 meio ambiente; 1865-70 recursos conservacionistas, recursos naturais; 1870 - 75 ecologia; 1890-95 poluidor; 1915-20 ambientalista; 1920-25 antipoluição (lei); 1924-30 reciclado (papel); 1930-35 ecossistema; 1935-40 efeito estufa; 1960-65 biodegradável.

Esses exemplos podem ser atualizados com termos usados em campos altamente especializados, tais como os do direito ambiental, por exemplo: impacto ambiental; auditoria ambiental. Se é verdade que, como Kaplan & Baldauf Jr (1997, p. 321) lembram, "toda língua é parte de um ecossistema", é igualmente verdade que todo

indivíduo de nosso planeta tem DIREITOS E RESPONSABILIDADES ECOLINGUÍSTICAS e deveria ser educado para essa dignidade ecolinguística e para a paz.

Vinte anos atrás eu apresentei a proposta de uma organização brasileira para o ensino de língua que integrava ecologia e ensino de língua inglesa (Matos, 1978). Hoje minha convicção da necessidade de integrar ensino de língua e ensino ambiental está mais forte do que nunca.

Eis uma lista pequena, aberta, para a autoavaliação de traços positivos ou questionáveis da identidade linguística.

1. Eu me refiro à natureza de modo dignificante (respeitoso?) ou a critico preconceituosamente? (Na cultura brasileira, por exemplo, às vezes se ouve as pessoas falarem de “punição pela natureza”).
2. Quão interculturalmente universais são essas avaliações polêmicas (questionáveis)?
3. O que pode ser feito para ajudar os usuários da língua a mudar sua percepção/representação para modos ecolinguisticamente sensíveis de mapear a realidade ambiental?
4. Eu me refiro a tipos de comportamento desumanos (pelos humanos) equiparando-os a nomes de animais? (De novo, em nossa cultura brasileira pode-se encontrar palavras como “cachorro”, “cavalo” no vocabulário de gíria).
5. Quão ecolinguisticamente universal é o uso de expressões como “Você está agindo como um animal”?
6. Por que nós, seres humanos, tendemos a representar mal e distorcer a visão de outros seres da natureza? Aqui está um desafio para todos nós preocupados com a identificação e a solução de questões globais de natureza ecolinguística. O patrono da ecolinguística, São Francisco de Assis, se referia ao sol como “irmão sol” e à lua como “irmã lua”. Ele não só pregava, mas praticava aquilo em que acreditava.
7. E nós, como estamos no que se refere a tudo isso?

Em um espírito profundamente transformador, compartilhem com todos a tarefa desafiadora de não apenas reconhecer que cada cidadão do mundo tem uma identidade ecolinguística, mas também que essa dimensão vital precisa ser apoiada construtivamente, desde a infância. Nesse sentido, que isso seja um pedido de ação pelos Educadores que se ocupam de Questões Globais em todos os lugares.

Referências

- CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press, 1997, 2ed.
- EDWARDS, J. *Language, Society and Identity*. Oxford, Blackwell, 1978.
- HAUGEN, E. *The Ecology of Language. Essays by Einar Haugen*. Edited by Anwar S.Dil. Stanford University Press, 1972.
- KAPLAN, R. B. & BALDAUF JR., R. *Language Planning. From practice to theory*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 1997.
- MATOS, F. G. de. *A pedagogical-ecological approach to English for Brazilian preadolescents*. Comunicação apresentada no V World Congress of AILA - International Association of Applied Linguistics, Montreal, Canadá, 18/8/1978/.
- Random House Webster's College Dictionary*. New York: Random House, 1997.

[Este texto foi publicado em *FIPLV World News* 42, 1998. Disponível em <http://www.fiplv.org/News/fiplvnews/news42.htm> (acesso: 01/09/2006). Por ser um minitexto, não apresentamos Resumo nem Abstract. Reproduzido em ECO-REBEL com autorização do autor].

Texto convidado.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015.